

OSWALD DE ANDRADE

Auto-retrato

Sairia favorecido, por isso é melhor não tentar. Posso fornecer à *leitura*, através do meu camarada Paulo Zingg, elementos para um retrato.

Nasci em São Paulo, na atual Avenida Ipiranga, n.º 5 (primitivo), ao meio-dia do dia 11 de janeiro de 1890. Sou bacharel em Ciências e Letras e bacharel em Direito.

O meu tipo psicológico é segundo uma classificação toda minha, pedagógico. Gosto de propor os meus pontos de vista, ensinar o que sei, ainda que errado, e intervir mesmo no que não sei.

Sou sentimental, inquieto e agrário. Talvez por isso tivesse me casado e divorciado diversas vezes. Esse “agrário” é complexo. Ocasionalmente fui plantador de café, tendo sofrido na pele, a alta de 26 e a baixa de 29. Mas originariamente sou agrário de Portugal e Espanha, com escalas pelo norte da África (Mazagão), Amazonas e Pará (Óbidos) e Minas Gerais. Do lado paterno, sou 5.º neto do bandeirante paulista Tomé Rodrigues Nogueira do Ô, fundador do Baependi.

Ainda sob o aspecto psicológico, faço fiado facilmente. Quero dizer que tenho fé abundante. Cheguei a acreditar até em banqueiros. Como reação, posso atingir o cinismo, nunca o ceticismo. Este traria num tipo como o meu, o suicídio. Na solidão, sou soturno e amléctico. Em público, afirmativo e solar. Briguei diversas vezes à portuguesa. Tomei parte em alguns conflitos públicos, dois quando dirigia o jornal *O homem do Povo*, em 1931. Estive preso e foragido, muitas vezes. Enfrentei duas vaias, a da “Semana da Arte Moderna”, no Teatro Municipal de São Paulo e a do Congresso da Lavoura, em 1929. Esta última foi provocada porque propus que os latifundiários paulistas dividissem os lucros da terra. A mesa pediu a minha expulsão da Assembléia.

Fui preguiçosamente, esportivo, pratiquei o futebol, a natação e o box.

Supersticioso e religioso de formação, nunca perdi essas taras, mesmo adotando um credo materialista.

Tenho poucos amigos e numerosos inimigos. Sou mais amigo da verdade do que de Plauto. Principalmente quando Plauto é canalha e a verdade gozada.

Realizei doze travessias para a Europa. Conheci o Oriente próximo, Atenas, Constantinopla, a Palestina e o Egito. Conheço bem meu Estado, e um pouco do Brasil — de Santa Catarina a Pernambuco e Mato Grosso. Fiz duas conferências, uma na Sorbonne, que era Universidade de Paris, e outra em São Paulo, no Sindicato dos Padeiros, Confeiteiros e Anexos. Morei quase sempre em São Paulo, na capital, como no interior e no litoral. Morei também no Rio de Janeiro e em Paris. Em palácios, ranchos e cortiços, grandes hotéis e quartos modestos.

Literariamente, minha carreira foi tumultuosa. Pode-se dizer que se iniciou com a Semana de Arte Moderna, em 1922. Publiquei então *Os Condenados* e *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Descubri o poeta Mário de Andrade, do que muito me honro. Iniciei o movimento “Pau Brasil” que trouxe à nossa poesia e à nossa pintura a sua latitude exata. Daí passei ao movimento antropofágico que ofereceu ao Brasil dois presentes régios: *Macunaíma*, de Mário de Andrade e *Cobra Norato* de Raul Bopp. O divisor das águas de 1930 me jogou para o lado esquerdo, onde me tenho conservado com inteira consciência e inteira razão.

Estou atualmente trabalhando no meu romance cíclico *Marco Zero*, em cinco volumes. O primeiro intitulado *A revolução melancólica*, fixa o começo da nova era que se abriu para o Brasil, abrangendo episódios do movimento armado de 32. Foi entregue ao editor José Olímpio. Também estou voltando à poesia. Tenho o primeiro poema de um livro, poema que dediquei à Maria Antonieta d'Alkmin, com quem vou me casar.

(in *Leitura*, 6, Rio de Janeiro, maio 1943)